



ESTRANGEIRISMOS NA CONSTRUÇÃO DE NEOLOGISMOS GÍRIOS – UM ESTUDO NAS REDES SOCIAIS¹

Flavio Biasutti Valadares (IFSP)²
flaviovaladares2@gmail.com

Mateus Rodrigues de Moura (IFSP)³
teu.moura10@gmail.com

RESUMO: O artigo aborda o uso de estrangeirismos nas redes sociais relativos aos neologismos gírios. Objetiva analisar gírias criadas nas redes sociais e nelas inicialmente utilizadas e estabelecer como o ciberespaço contribui para a formação de novos termos. Adota como base a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1994, 2008; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006), os estudos sobre gírias (PRETI, 2006) e sobre Hipertexto (MARCUSCHI, 2005). Como procedimentos metodológicos, avalia neologismos gírios por meio da descrição do perfil do usuário de tais vocábulos. Conclui-se que a internet é um espaço propício à criação de palavras, bem como de sua disseminação para uso.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Estrangeirismo; Hipertexto; Gírias; Internetês.

ABSTRACT: This work aims to analyze the use of foreign words related to slangs neologisms on social networks. It also aims to analyze slangs created on social networks and there used originally and establish how cyberspace contributes to the formation of new terms. It is based on the Theory of Linguistics Variation and Change (Labov, 1994, 2008; Weinreich, Labov and HERZOG, 2006), studies of slangs (PRETI, 2006) and about Hypertext (Marcuschi, 2005). As methodological procedures, it evaluates slangs neologisms through the user profile description of such words. It concludes that the internet is a space conducive to the creation of words as well as its dissemination to use.

KEYWORDS: Sociolinguistic; Foreign words; Hipertext; Slangs; Internetese.

Apresentação teórico-metodológica

Conforme Marcuschi (2005, p. 13), na sociedade atual, a internet vem se configurando como “uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” e os gêneros textuais “eletrônicos” decorrentes impactam tanto a linguagem quanto a vida social. O autor define gêneros virtuais como

¹ Resultado de projeto de Iniciação Científica/Bolsa Institucional – IFSP/Campus São Paulo.

² Orientador de IC, IFSP/Campus São Paulo. Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP, Pós-Doutorado em Letras/UPM-SP, Docente do IFSP/Campus São Paulo, Endereço eletrônico: flaviovaladares2@gmail.com

³ Orientando de IC, IFSP/Campus São Paulo. Graduando em Letras Português-IFSP/Campus São Paulo. Endereço eletrônico: teu.moura10@gmail.com

interativos, geralmente síncronos (com simultaneidade temporal), embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala – escrita. Além da possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença da imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos. Quanto a isso, há outro aspecto nas formas de semiotização desses gêneros relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos emoticons (ícones indicadores de emoção) ao lado de uma espécie de etiqueta netiana (etiqueta da internet) trazendo descontração e informalidade à formulação (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação. (MARCUSCHI, 2005, p.12)

Segundo Xavier (2002, p. 28-29), o conceito de hipertexto configura-se como “espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido”. Nesse sentido, o hipertexto é manipulável por possibilitar um rápido e fácil domínio de sua matéria e conteúdo e é dinâmico, visto que é composto por (hiper)links, os quais sendo caracterizados pela arbitrariedade e pela não-linearidade, permitem maiores relações entre pessoas e instituições. Também, é fragmentado porque, devido aos links, o autor do texto não possui a capacidade de controlar o tópico (assunto) que o leitor irá ler na internet, já que o quesito “organização” de tais fragmentos é de responsabilidade do leitor que tem acesso.

Caracterizada a participação “ativa” do leitor, isto é, de interconectar os textos (links) segundo seus interesses, ele mostra a participação do “outro” na composição do escrito. Desse modo, vemos que a constituição dos hipertextos não é apenas consoante à cognição do autor, mas sim, uma espécie de “coautoria” com o leitor, já que este, como postulado, é responsável por “organizar” os fragmentos textuais. Nesse ponto, Valadares (2012, p. 74) indica que “o texto, tanto pensado como produção escrita quanto em relação à leitura, na internet, enfatiza a circulação em detrimento da estocagem de informação”.

Landow (1997) e Komesu (2005) indiciam que “o leitor do hipertexto é o que responde de maneira ‘ativa’, uma vez que as interconexões ficam sob sua responsabilidade” (LANDOW, 1997, p. 4) sendo que, como aponta Komesu (2005, p.



16-17), “é assim que se dá o acabamento do (hiper)texto: com a participação do Outro (no Outro). Trata-se da constituição de uma alteridade multilinearizada, fragmentada, descorporalizada, volatilizante, decorrente de nossas relações atuais com as coisas do mundo”.

Nesse sentido, nosso artigo visa a mostrar como o espaço da internet, especificamente, o das redes sociais, é um campo profícuo para a criação de palavras/expressões em um movimento centrífugo, engendrado de dentro para fora. Nosso objetivo, aqui, é caracterizar os neologismos gírios que existem e que circulam nas redes sociais a partir de uma composição que tem por base um estrangeirismo. Para tanto, levantamos gírias criadas nas redes sociais e nelas inicialmente usadas, com o intuito de estabelecer o modo como o ciberespaço contribui para a formação de novos termos a partir das novas configurações de interação observadas com o advento das redes sociais.

Como procedimentos metodológicos, analisamos gírias efetivamente criadas pelas e nas redes sociais, buscando apontá-las e descrevê-las de modo mais amplo, destacando os seguintes aspectos: se possui variantes – diferentes nomeações para o mesmo vocábulo – ou derivações, isto é, se houve novos termos a partir de determinado vocábulo, mas que ainda mantém a conotação inicial; significado do termo; contexto de utilização da gíria – quando e como é usado –; e, por fim, breve comentário acerca de seu histórico.

Portanto, por meio de tais objetivos e métodos adotados, temos como hipótese para o resultado desta pesquisa que os neologismos gírios do internetês, advindos de empréstimos linguísticos (em especial, do inglês – atual língua dominante nos meios de comunicação), são criados e utilizados pelos jovens da atual geração.

Assim, cabe-nos conceituar estrangeirismos, a fim de localizar para nosso leitor como abordamos os neologismos gírios a partir da noção de empréstimos linguísticos externos. De acordo com Valadares (2014), os estrangeirismos são

palavras, efetivamente, oriundas de outro sistema linguístico, tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais,

referentes às trocas de ordem linguístico-cultural entre comunidades falantes de idiomas diversos. (VALADARES, 2014, p. 111)

Guilbert (1975, p. 95-97) coloca que o estrangeirismo é “a unidade lexical sentida como externa à língua”, além de considerar que “um termo de origem estrangeira deixa de ser neologismo a partir do momento em que entra no sistema linguístico da língua receptora, ou seja, quando deixa de ser percebido como termo estrangeiro”. Na visão de Faraco (2001),

é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. (FARACO, 2001, p. 15)

Campos (1986, p. 34) explicita que “o estrangeirismo seria um empréstimo que ainda não se naturalizou”; Barbosa (2004, p. 71-72) postula que “o estrangeirismo consiste em transferir (transcrever ou copiar) para a língua-alvo vocábulos ou expressões da língua-fonte que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado na língua-fonte que seja desconhecido para falantes da língua-alvo” e Cunha (2003, p. 5-6) considera estrangeira “aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais frequentemente, na linguagem da imprensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma”.

Biderman (2001) indica três diferentes tipos de estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa: 1] Decalque — versão literal do lexema-modelo concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da palavra estrangeira, por exemplo, retroalimentação, supermercado e cartão de crédito; 2] Adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura, por exemplo, boicote (*boy-cott*), clube (*club*) e drinque (*drink*); e 3] Incorporação do vocábulo com a sua grafia original⁴, por exemplo, *hardware*, *check-up* e *best sellers*.

⁴ Nossa pesquisa segue essa noção de Biderman (2001), considerando-se também a visão laboviana de que a análise deve ser feita na perspectiva da variável estável e mudança em curso.

Outro aspecto conceitual de nossa pesquisa é a gíria. Para Trask (2004, p. 124), em seu Dicionário de Linguagem e Linguística, trata-se de “uma forma linguística informal e frequentemente efêmera”. Além disso, é exposto pelo autor que “as expressões de gíria costumam ser introduzidas por membros de um grupo social particular; podem continuar sendo típicas desse grupo e servir como uma de suas marcas de identidade ou, ao contrário, tornar-se mais amplamente conhecidas e usadas”. Trask (2004, p. 125) também explicita que a gíria “tem sido descrita como *língua em estado de jogo*, isto é, as melhores gírias são pitorescas, exuberantes, espirituosas e fáceis de lembrar”.

Nessa perspectiva, é importante esclarecer o caminho que percorremos na caracterização do conceito de gíria. Segundo Valadares (2011, p. 30-31), “... conforme observado nos verbetes dos dicionários, as gírias são espécies de ‘códigos secretos’ para um determinado grupo manter informações”. Assim, podemos definir “gíria” como sendo uma expressão de um determinado grupo social, podendo ser de uso restrito ou, então, ampliada para o léxico popular.

Além disso, Valadares (2006, p. 94) considera que “a mídia, em especial a televisão, por meio das novelas, dissemina muitas gírias, tornando-as não mais veladas, específicas daquele grupo social determinado”. Em outras palavras, “isso se apresenta com um dos fatores da generalização do conceito global de gíria, já que o grupo fechado, representado na telenovela, foi exposto e deixou de constituir um grupo restrito no qual apenas quem dele faça parte interage com aquele vocabulário”.

Na atualidade, este mesmo processo vem ocorrendo nas redes sociais, uma vez que nelas a veiculação dos termos gírios se torna praticamente algo que existe por curto espaço temporal devido à disseminação rápida que ocorre entre os grupos diversos, o que torna não só a circulação dos termos como também sua entrada em variadas comunidades linguísticas. Dessa maneira, nosso levantamento mostra que os neologismos gírios nas redes sociais apresentam uma característica bastante peculiar do conceito de gíria “código secreto” e, simultaneamente, tem sua disseminação de forma rápida devido ao próprio processo pelo qual passa, isto é, uso nas redes sociais.

Além disso, para a consecução de nosso levantamento, adotamos o conceito de neologismo como uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra existente ou um termo recentemente emprestado a outro código linguístico estrangeiro (ALVES, 2002). Por neologismo gírio, conceituamos a palavra/expressão que é criada na esteira lexical como um código que se restringe a um determinado grupo. Buscamos, então, a rede de maior uso e repercussão de neologismos gírios, após pesquisa exploratória, e encontramos a rede social *Facebook* como a de maior destaque até o momento, a qual possui mais de 1.555.900.000 usuários ativos⁵.

Sobre o perfil, destacamos que, nos termos de Sayers *et al.* (2007), existem cerca de cinco tipos característicos de gerações, são elas: veteranos ou tradicionalistas, nascidos entre 1922 e 1943; *baby boomers*, entre 1943 e 1960; geração X, entre 1960 e 1980; e a geração Y, os nascidos entre 1980 e 2000. Já a geração Z são as pessoas nascidas neste século. No nosso caso, constatamos que a maior frequência no uso de neologismos gírios está no grupo de pessoas que fazem parte das gerações Y e Z.

Redes sociais, aqui, são tomadas seguindo o que definem Komesu e Tenani (2009, p. 623):

aquelas em que um indivíduo, vinculado a um sistema constituído pela interligação de dois ou mais computadores e seus periféricos, liga-se a outro indivíduo, de outra rede, com objetivo de comunicação, de compartilhamento, de intercâmbio de dados afins, resultando na criação de novos grupos na e pela internet (cf. RECUERO, 2006). (KOMESU; TENANI, 2009, p. 623)

Análise dos dados: neologismos gírios

A seguir, apresentamos nossa análise das gírias do internetês, neologismos gírios, provenientes de empréstimos linguísticos – estrangeirismos:

⁵ Fonte: <http://www.internetlivestats.com/watch/facebook-users/> Acesso em 12.dez.2015.

GÍRIA: FLOOD

Derivações e Variantes	a) <i>Flooder</i> – nome dado a quem é “adepto” ou utiliza-se do “flood” em redes sociais, fóruns, <i>blogs</i> etc. b) <i>Floodar</i> – uso da gíria como categoria verbal, indicando a ação de lotar a caixa de mensagens ou <i>timelines</i> (termo para redes sociais em geral) de mensagens e <i>links</i> de um determinado usuário.
Significado	Tal termo, advindo do inglês, significa “encher” ou “inundar”, mas, como gíria do internetês, designa o ato de postar informações sem sentido ou com nenhuma finalidade, de modo que uma ou mais pessoas sejam prejudicadas. Além de também ser algo que irritará o usuário destinatário, tendo em vista o excesso de mensagens e/ou <i>links</i> enviados.
Descrição de uso	É utilizada quando uma pessoa escreve ou posta mensagens e/ou <i>links</i> em excesso, às vezes, até relevantes, no entanto, devido à repetição de envios, tais cópias perdem todo o seu sentido, também servindo somente para ocupar espaço – em caixas de mensagens ou <i>timelines</i> – ou incomodar o destinatário.
Histórico	Termo já bem antigo (constatado como gíria, por meio de fóruns, desde 2007 ou 2008), advém do campo da informática, que designava uma espécie de ataque cibernético, o qual acabava com uma rede por meio de uma “inundação” de tráfego de dados. Posteriormente, tornou-se uma gíria viral em diversas páginas da <i>web</i> , trazendo a conotação de “inundação”, de “encher” para o ato irritante de lotar <i>chats</i> e bate-papos diversos com mensagens desnecessárias.

A gíria é, de certo modo, um pouco antiga e está quase caindo em desuso, todavia é válido ressaltarmos sua importância em nosso levantamento, uma vez que retrata um aspecto mais técnico da comunicação virtual e que atinge a maioria dos usuários de redes sociais e de aplicativos de mensagens instantâneas e/ou *chats* em geral.

Sintetizando seu significado, a saber, como um ato de enviar *links* ou simples mensagens constantemente, sem necessidade e que, possivelmente, irritam o usuário destinatário, constatamos uma característica muito marcante na comunicação virtual até hoje e que, evidentemente, advém do constante avanço tecnológico.

GÍRIA: FRIENDZONE

Derivações e Variantes	Sem derivações e/ou variantes constatadas.
Significado	<p><i>Friendzone</i> é uma expressão em inglês que, em tradução literal, significa “zona de amizade”. Na cultura popular, <i>friendzone</i> é o nome dado a uma relação em que uma pessoa deseja ter um relacionamento romântico com outra, mas esta prefere apenas manter a amizade. Tal vocábulo possui os mesmos princípios que o chamado “amor platônico”, ou seja, quando alguém tem sentimentos por outra pessoa, mas não é correspondido; um amor unilateral. Em suma, estar na dita <i>friendzone</i> significa estar apaixonado por um amigo ou amiga, e não ser correspondido.</p> <p>Transpondo, por conseguinte, para as redes sociais, tal gíria refere-se a uma rejeição e não correspondência por meio de publicações e/ou comentários entre usuários nas redes sociais.</p>
Descrição de uso	Seu modo de uso caracteriza-se pelo simples emprego da gíria quando há a exposição de <i>posts</i> relacionados ao tema, bem como uma relação de indissociação com a gíria oriunda do léxico português “soldado”, possuindo uma relação de causa (<i>friendzone</i>) e efeito (“soldado ferido” – rejeição ou “parabéns, soldado!” – aceitação).
Histórico	<p>O termo <i>friendzone</i> foi popularizado por um episódio de 1994 do <i>sitcom</i>⁶ americano <i>Friends</i>, “The One with the Blackout” em que o personagem Ross Geller era apaixonado por Rachel Green. Enquanto conversava com seu amigo Joey Tribbiani, este afirmou que Ross não foi só colocado na <i>friendzone</i>, mas também ganhou um emblema de prefeito da <i>friendzone</i>⁷.</p> <p>Mas foi no filme de 2005, <i>Just Friends</i>, que o termo ganhou notoriedade internacional, o qual trata especificamente da <i>friendzone</i> e como ela afeta o personagem principal do filme. Ele se reencontra com sua namorada colegial, pela primeira vez em 10 anos, e ela diz que o ama como a um irmão⁸.</p> <p>A partir, portanto, de filmes e séries estrangeiros, houve a inserção de tal vocábulo no uso por internautas brasileiros, o qual ganhou destaque em sua <i>viralização</i> de uso no <i>Facebook</i>, em meados de 2013.</p>

Podemos postular que as mídias digitais – isto é, em *lato sensu*, veículos e aparelhos de comunicação baseados na tecnologia digital, a qual permite distribuição e

⁶ *Sitcom*: abreviatura da expressão inglesa *situation comedy* (“comédia de situação”, em tradução livre), é um estrangeirismo usado para designar uma série de televisão com personagens comuns, em que existe uma ou mais histórias de humor encenadas em ambientes corriqueiros e comuns, tais como família, grupo de amigos, local de trabalho etc.

⁷ Fonte: < <http://www.tv.com/shows/friends/the-one-with-the-blackout-351/>>. Acesso em: 01.dez.2015.

⁸ Fonte: < http://movies.radiofree.com/interviews/justfrie_amy_smart.shtml>. Acesso em: 01.dez.2015.

disseminação de materiais escritos, sonoros e/ou visuais – se inter-relacionam. Em outras palavras, elementos linguísticos significativos em filmes e/ou séries, como frases de efeito ou mesmo neologismos, podem influenciar, por exemplo, nos aspectos linguísticos utilizados no meio virtual.

Além disso, notamos também que aspectos pessoais e que dizem respeito a relacionamentos, presentes no termo *friendzone*, estão sendo “comprimidos” em neologismos gírios e que, a partir disso, passam também a ser utilizados em conversações cotidianas. Tal fenômeno comprova a asserção referente ao movimento centrífugo de tais termos, ou seja, que as gírias do internetês se originam de mídias digitais e que, por meio da popularização em tal âmbito, passam a ser utilizadas em colóquios na vida real sem, muitas vezes, quaisquer estranhamentos por parte do falante nativo.

GÍRIA: LOL

Derivações e Variantes	a) LMAO – <i>laughing my ass off</i> (“me caguei de tanto rir”); b) ROFL – <i>rolling on the floor laughing</i> (“rolando no chão de tanto rir”).
Significado	Abreviação da expressão em inglês <i>laughing out loud</i> , que, em português, pode ser interpretada como “muitos risos” ou “rindo (muito) alto”. Além dos significados em inglês, para muitos usuários da internet, o termo “lol” também pode significar uma pessoa com os braços levantados, para comemorar ou celebrar algum fato ocorrido.
Descrição de uso	Tal gíria serve para o usuário da internet dizer que está rindo muito, que está às gargalhadas, sobre algo, como por exemplo, algum comentário, foto, acontecimento etc. Ou também utilizado como uma espécie de comemoração de conquistas em jogos virtuais.
Histórico	“LOL” é um elemento comum no internetês, historicamente iniciado no <i>Usenet</i> – meio de comunicação onde usuários postam mensagens de texto, chamadas de “artigos”, em fóruns que são agrupados por assunto, tidos como <i>newsgroups</i> ou “grupos de notícias” – mas atualmente disseminado em outros meios de comunicação mediados por computador, tais como redes sociais (<i>Facebook, Twitter, Instagram</i>) e <i>blogs</i> . É muito utilizado também nos jogos de MMORPG ⁹ (onde há grande incidência de uso, tendo em vista que foi em tal contexto que ocorreu a construção da conotação da gíria de comemoração à vitória de uma partida, por exemplo).

⁹ Sigla em inglês para *Multi Massive Online Role-Playing Games*, que designa jogos de computador online de RPG comportando vários jogadores, com os quais podem interagir.

Ainda hoje muito utilizado, “LOL” é uma das gírias que também possui grande atividade na vida cotidiana de muitas pessoas, especialmente jovens que jogam *games online* e/ou de consoles, bem como aqueles que assistem a vídeos acerca desse tema.

Tal frequência de uso decorre também de influências de outros usuários, ou seja, tomando tal gíria como exemplo, vemos grande incidência de uso por parte dos chamados *youtubers* – pessoas que usam exclusivamente o *Youtube* para divulgar vídeos e receber recursos financeiros por isso –, os quais são os grandes influenciadores atuais pela utilização desta e de outras dezenas de gírias do internetês fora de seu contexto original – a saber, o ciberespaço.

Outrossim, a respeito estritamente da expressão em si, inferimos que há, portanto, possibilidade de exteriorização de atos e sentimentos momentâneos através de simples vocábulos. A risada ou gargalhada torna-se uma simples expressão, mas com uma carga de sentido bem maior, tornando-se, por conseguinte, a representação de tal ato. São exemplos mais corriqueiros no internetês os vocábulos: “rsrs”, “hahaha”, “huahuhahua”, entre outros; os quais também exprimem a mesma significação.

Um último ponto a ser explicitado é o de que as expressões derivadas de “LOL”, tais como “LMAO” e “RFOL” são sentenças – e também abreviações – utilizadas na maioria das vezes por norte-americanos, raramente por brasileiros, mas é importante elencá-los para a apresentação e comprovação da existência de derivações e/ou variações de tal gíria.

GÍRIA: *STALK*

Derivações e Variantes	<p>a) <i>Stalker</i> – perseguidor; bisbilhoteiro.</p> <p>b) <i>Stalkeado</i> – vítima do perseguidor virtual.</p> <p>c) <i>Stalkear</i> – uso da gíria como verbo; perseguir; bisbilhotar.</p> <p>d) <i>Stalking</i> – variação inglesa do termo com terminação em “-ing”, correspondente aproximadamente ao gerúndio em português.</p>
Significado	<p>Vocábulo em inglês que significa “perseguir” ou “espreitar” e, na internet, é o ato de perseguir e/ou bisbilhotar virtualmente uma pessoa, lendo recados, analisando cada elemento da rede social que a vítima possui, vendo tudo o que ela faz na internet, tais como os comentários escritos, visualizando fotos da vítima etc.</p>

Descrição de uso	O contexto deste vocábulo gírio se configura quando o <i>stalker</i> ativo invade repetidamente a esfera de privacidade da vítima (<i>stalkeado/a</i>), empregando táticas de perseguição e meios diversos, tais como envio de mensagens por SMS ou por correio eletrônico, publicação de fatos ou boatos em <i>sites</i> da internet, em especial, em redes sociais. Tal ato, em casos mais graves, pode resultar em dano à integridade psicológica e emocional da vítima. Os motivos dessa prática são os mais variados: erotomania ¹⁰ , violência doméstica, inveja, vingança, ódio ou simples brincadeira.
Histórico	A palavra <i>stalking</i> , utilizada na prática de caça, deriva do verbo <i>stalk</i> , que, numa tradução aproximada para a língua portuguesa, corresponde a “perseguir incessantemente”. Tal termo começou a ser usado no final da década de 1980 para descrever a perseguição insistente a celebridades por seus fãs. Em 1990, nos Estados Unidos, inicialmente na Califórnia, a conduta foi criminalizada. Atualmente, vários países criminalizam esse tipo de conduta inoportuna. Altas são as estatísticas da ocorrência de <i>stalking</i> nos países desenvolvidos. Anualmente, na Inglaterra, cerca de 600 mil homens e 250 mil mulheres são vitimados. Já trazendo ao contexto de caça, uso inicial do vocábulo, ocorre quando o predador persegue a presa de forma contínua. Os <i>stalkers</i> , por conseguinte, perseguem insistentemente outra pessoa, seguindo-a, procurando obter informações sobre ela e tentando descobrir tudo acerca de sua vida, causando-lhe, às vezes, danos psicológicos.

Este é um dos termos que mais trazem à tona os perigos e temas polêmicos que envolvem a internet e os *sites* de relacionamento, pois o ato de *stalkear* vincula-se a diversos aspectos, tais como psicológicos, vida particular, jurídicos e, até mesmo, criminais.

Reiterando, o *stalk* muito ocorre por meio da internet, caracterizando-se em diversos *chats*, com o envio de mensagens eletrônicas, recados, convites insistentes ou ofensas nas redes sociais. Em casos extremos, o *stalk* envolve a intimidação explícita da vítima com ameaças e ações violentas, como, por exemplo, ofensa ao patrimônio e até a integridade física.

¹⁰ Exagero, às vezes mórbido, de sentimentos amorosos por alguém.

GÍRIA: TROLL

Derivações e Variantes	<p>a) <i>Trollar</i> – uso da gíria como verbo, advinda de empréstimo linguístico que significa “enganar”, “zombar” etc.</p> <p>b) <i>Trollface</i> – figura usada como um meme na internet para representar um <i>troll</i>, sendo reiteradamente compartilhada e publicada em redes sociais quando se quer representar uma provocação a alguém. Tal imagem surgiu em 2008, no <i>site DeviantArt</i>, e publicada pela primeira vez pelo usuário <i>Whynne</i>, o qual a descreveu como uma tentativa fracassada de desenhar um roedor.</p> <p>c) <i>Trollagem</i> (ou apenas com um “l”) – ato de <i>trollar</i>.</p>
Significado	<p>Pode-se definir como “zoador”, “enganador”. Nesse sentido, um <i>troll</i>, na gíria do internetês, designa uma pessoa cujo comportamento tende sistematicamente a desestabilizar uma discussão, tornando-a cômica; além de também provocar e enfurecer as pessoas nela envolvidas. Em suma, são aquelas pessoas que “semeiam a discórdia” na internet.</p>
Descrição de uso	<p>Existem <i>trolls</i> de todos os tipos, desde os mais estúpidos que não economizam nos palavrões, até os mais aptos intelectualmente. Eles se divertem com a reação indignada de outras pessoas e sentem prazer em saber que causaram polêmica. Em alguns casos, as pessoas envolvidas perdem a paciência e chegam a se envolver em agressões verbais por <i>chats</i> e/ou comentários.</p> <p>Além disso, “trollar” é utilizado em vários contextos, sejam estes virtuais, sejam no mundo real, tendo este último uso uma conotação voltada às situações jocosas.</p>
Histórico	<p>O termo surgiu na <i>Usenet</i> – meio de comunicação onde usuários postam mensagens de texto em fóruns –, derivado da expressão <i>trolling for suckers</i> (“lançando a isca para os trouxas”), identificado e atribuído aos causadores das sistemáticas <i>flamewars</i> – interações hostis entre usuários da internet –, através de mensagens ofensivas.</p>

O termo *troll*, como mencionado no quadro acima, refere-se àquele usuário que busca gerar conflitos, debates e bate-boca em *chats* e comentários das redes sociais, ou, simplesmente, aquele que se diverte em “semear a discórdia” ou busca ser engraçado. Essa gíria ainda é bem recorrente, tanto é que ainda existem diversas páginas no *Facebook* destinadas à gíria (ou propriamente ao seu ato/uso em si). A seguir, exemplos recentes de tais comunidades:



Figura 1 – Comunidades recentes do *Facebook* referentes à gíria *Troll*.

Finalizamos nossa análise com a observação de que é possível traçar perfis de usuários na internet por meio das comunidades que se utilizam de gírias, constatando que os neologismos gírios se referem ao modo como um determinado indivíduo usa a internet.

Conclusão

Tomando por base a afirmação de Trask (2004, p. 124), de que as gírias são “uma forma linguística informal e frequentemente efêmera”, consideramos que elas, essencialmente no âmbito virtual, são, com efeito, informais. Isto é evidenciado pelos contextos e modos de uso descontraídos e sem necessidade de quaisquer policiamentos linguísticos. Além disso, tais vocábulos são também efêmeros, dadas suas constituições a partir de vídeos, imagens, frases, comentários, enfim, a partir de elementos virtuais que, devido à rápida troca de informações proporcionada pelos atuais mecanismos de

comunicação, têm seus momentâneos ápices de uso e de compartilhamento, mas que, no decorrer de algum tempo, geralmente de algumas semanas, tornam-se quase inutilizáveis, dando lugar, conseqüentemente, a outros neologismos gírios, os quais são reinventados e desenvolvidos a cada momento no ciberespaço.

Com o desenvolver da pesquisa, todavia, postulamos também que, além da efemeridade existente em algumas gírias, há certa variedade no tempo de duração de uso, pois constatamos uma contínua utilização de gírias as quais já possuem um grande período de atividade, tais como “lol”, “friendzone” e “troll(ar)”. Isso é facilmente assegurado por meio de páginas atuais e ativas acerca do uso de tais termos – como exemplificado pela figura 1 –, bem como, por meio do uso individual e cotidiano de diversos usuários em comentários e/ou *chats* de variadas redes sociais e *sites*. Assim, nesse aspecto – o de atividade e desuso de gíria – ora o vocábulo é momentaneamente usado, ora se prolonga até os dias de hoje.

Também, é válido salientarmos como tais neologismos gírios são exteriorizações de sentimentos e/ou de pensamentos no âmbito virtual e que, quando tais exposições são realizadas nas redes sociais, os vocábulos advindos são utilizados no mundo real. Ou seja, há a constatação de um movimento centrífugo da utilização desses termos – isto é, um movimento de dentro (mídias digitais: redes sociais, *blogs*, *sites* em geral etc.) para o exterior (mundo real).

Dessa maneira, a contribuição para a ampliação do léxico da língua portuguesa do Brasil, neste caso, ocorre por meio de fenômenos de derivações e de variações das gírias, principalmente considerada a importação de termos, ou seja, como ratifica Valadares (2014, p. 36), “o contato linguístico torna-se uma força com movimento comum e de grande relevância nesse processo, uma vez que a renovação de uma língua é algo imprescindível para a sua própria manutenção e sobrevivência e só assim poderão ser criados novos significados e atender às novas demandas da sociedade”.

Portanto, ao término deste artigo, estamos convictos de que o internetês é, de fato, um conjunto neológico da internet e que a gíria é uma variação observada pelo que representa sua adoção e uso pelos usuários em cada contexto e local cibernético analisado, ainda que substancialmente o seja, em sua grande maioria, uma utilização



feita por usuários de duas gerações específicas, a saber, a Geração Y (aqueles que nasceram entre 1980 e 2000) e a Geração Z (a qual abrange aqueles que nasceram do ano 2000 em diante).

Referências bibliográficas

- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 2002.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CUNHA, A. G. da. **Os estrangeirismos da língua portuguesa**: vocabulário histórico etimológico. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.
- FARACO, C. A. (org.) **Estrangeirismos** — guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.
- GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.
- KOMESU, F. **Pensar em hipertexto**. Interação na internet: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna. 2005.
- KOMESU, F.; TENANI, L. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell, [1972]1994. v. 1
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LANDOW, G. P. **Hypertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory and technology**. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- PRETI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In:
- PRETI, D. (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 4, p. 241-255.



SAYERS, D. et al. **Literacy, technology, and diversity: teaching for success in changing times.** Boston, MA: Pearson, 2007.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística.** São Paulo: Contexto, 2004. 368p.

VALADARES, F. B. Gírias: conceitos e vicissitudes. **Saberes Letras.** v. 4, n. 1, p. 89-98, jul./dez., 2006.

VALADARES, F. B. Revisitando a noção de gírias: do conceito à dicionarização. **Domínios de Lingu@gem.** v. 5, n. 1, p. 27-43, 2011.

VALADARES, F. B. Ensino de Língua Portuguesa, hipertexto e uso de novas tecnologias. **Sinergia.** São Paulo, v. 13, n. 1, p. 71-76, jan./abr., 2012.

VALADARES, F. B. **Uso de estrangeirismos no português brasileiro: variação e mudança linguística.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. 191p.

XAVIER, A. C. S. **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital.** Tese (Doutorado) em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Recebido Para Publicação em 14 de fevereiro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 18 de setembro de 2016.